Um caminho para o inquérito: investigar estes militares.

Se a Polícia do Rio de Janeiro conseguir recolher os depoimentos dos coronéis Ary Pereira de Carvalho e Ary de Aguiar Freire e do sargento pára-quedista Fábio Roberto — o trio que funcionou na seção de operações da Agência Central do SNI à época da eliminação de Baumgarten, de sua mulher e do barqueiro—talvez possa chegar a alguma pista para elucidar o crime.

Essa é, ao menos, a expectativa de alguns militares que acompanham de perto os casos Baumgarten - Capemi.

Segundo esses militares, as fortes suspeitas contra os três agentes começaram pelo seu desaparecimento e o envio para o Exterior dos dois Ary, "que não apresentavam qualificação para o exercício desses postos". Para exemplificar, citam o caso do coronel Ary Carvalho, lotado na Embaixada do Brasil em Buenos Aires, "cujas credenciais não iam além de um curso de informações na Escola Nacional de Informações (Esni), quando seria, no mínimo, exigido o curso de Estado-Maior".

Quanto ao coronel Ary de Aguiar Freire, lembram que estava afastado do Exército desde 1976, quando passou para a reserva, ocasião em que foi colocado na agência do SNI, no Rio, a pedido do próprio Baumgarten ao então chefe da agência, general Waldyr Muniz, a quem o ex-proprietário da revista **O Cruzeiro** estava ligado por laços de estreita amizade. Waldyr Muniz deixou o SNI para assumir a Secretaria de Segurança do Rio, no governo Chagas Freitas.

O coronel Ary de Aguiar Freire chefiou a 2ª Seção do II Exército, na época do comando do general Ednardo D'Ávila Mello, quando morreram o jornalista Vladimir Herzog e o operário Manuel Fiel.

Outras acusações

Ainda sobre "Aryzinho" pesa a acusação da morte do estudante de Medicina Chael Schreir durante um interrogatório conduzido por ele na Polícia do Exército, na Vila Militar. Lembram esses militares que o corpo do rapaz apresentava visíveis hematomas, quando chegou ao IML. Nesse tempo, "Aryzinho", que era major, servia no Regimento Escola de Cavalaria. Agora, é acusado de ter participado da eliminação de Baumgarten, com o codinome de Milton Miguez.

Caso a polícia fluminense também consiga chegar ao sargento Fábio Roberto — igualmente sumido — poderá esclarecer duas versões que pesam contra ele: a de que fora o autor do disparo na nuca, o tiro de misericórdia que matou Baumgarten; e o internamento de sua mulher num hospital psiquiátrico de Brasília, acometida de crise nervosa ao tomar conhecimento de sua participação no episódio.

Capemi

Contra o coronel Ary Pereira de Carvalho existe ainda a acusação feita pelo coronel Luiz Helvécio da Silveira Leite, ex-sub-chefe da Agência Central do SNI, no dia 3 de maio de 1983, perante a Polícia Federal, no Rio.

Em depoimento de três laudas e meia, recolhido pelo delegado Edgard Fuques, Helvécio — que ha-viasofrido um atentado a bala, quando dirigia seu carro, no bairro carioca de Botafogo — não afastou a hipótese "de estar sendo alvo de uma operação desencadeada pela seção de operações da Agência Central do SNI e que tal ameaça foi formulada pelo coronel Ary Pereira de Carvalho".

No depoimento do ex-subchefe da Agência Central do SNI está dito que essa operação contra ele seria em razão de uma reportagem sobre o escândalo da Capemi, cujas informações negou ter prestado ao jornal que a veiculara.

Em seu relatório sobre a denúncia do coronel Luiz Helvécio contra o SNI, o delegado Fuques assinalou que não havia até aquela data "nenhum elemento a solidificar possíveis indícios ou motivação determinantes da presumida intenção de eliminação do coronel Luiz Helvécio da Silveira Leite".

Procurado ontem, o militar negou-se a falar sobre o caso, conforme prometera ao comandante do I Exército. Garantiu que tudo o que sabe será revelado durante o depoimento que prestar diante da Polícia e da Justiça, possivelmente na próxima terça-feira.

Ayrton Baffa